CIDO PISANI

Bem Longe do *paraíso*

2ª edição

São José do Rio Preto
A L Pisani
2018

Copyright © Cido Pisani

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei 5988 de 14/12/73
É proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios, sem autorização prévia, por escrito, do autor.

Título
Bem Longe do Paraíso

Autor
Cido Pisani

Capa
Cido Pisani

Projeto Gráfico
Cido Pisani

P674b Pisani, Cido - 1984
Bem Longe do Paraíso
Cido Pisani - 2ª ed.
São José do Rio Preto - SP: Ed do Autor, 2021

ISBN: 978-65-998937-5-9

1. Romance. 2. Ficção. 3. Ficção brasileira.
I. Título

CDD-B869.3

Agradeço
primeiramente à Deus,
aos meus pais,
amigos e queridos leitores.

Cido Pisani

“Chuva e sol
poeira e carvão
longe de casa
sigo o roteiro
mais uma estação
e alegria no coração”.

Luiz Gonzaga

SUMÁRIO

PRÓLOGO 009
CAVALEIRO ERRANTE 012
HORA DA ESTRELA 037
NÃO É UMA MAÇÃ 061
CU4RTO DO DEVANEIO 088
XEQUE-MATE 120
EPÍLOGO 146

PRÓLOGO

Dizem que toda ação se desencadeia em uma reação, por vezes, não muito agradável. Há até livros e mais livros propondo reflexões sobre a teoria do caos. Alguns mais científicos e outros tão místicos que nos fazem viajar. Claro que esse livro não propõe nada além daquilo que é: um romance. Quiçá só um pouco romântico, ou talvez nem isso. Só sei que tudo começou quando, num dia desses, borboletas borboletavam por um lindo jardim, num lugar qualquer do Brasil. Seria o mais lindo cenário para introduzir a história. Só que não será ali o palco de nossos personagens. O impressionante é que, naquele mesmo momento, o telejornal noticiava sobre um furacão devastando o mar do Caribe. A destruição mostrava que não somos nada, não controlamos coisa alguma e apenas ocupamos espaço.

Influência disso, ou não, fortes rajadas de ventos se espalharam pela Cidade do México. A aparente mudança de tempo, forçava as pessoas a se esconderem em lojas e vãos entre os edifícios. Mães arrastavam os filhos para qualquer lugar que servisse de abrigo. Protegiam-se como dava na esperança que logo passasse. Trabalhadores temiam que o dia de serviço fosse prejudicado. Árvores ameaçavam serem arrancadas pelas raízes. Fios pelos postes chacoalhavam sem parar, dando a impressão de que iam se soltar. Prédios que, normalmente, serviam de escudo, só conseguiam desviar a direção dos ventos, que rugiam ao tocar os detalhes mais íntimos da cidade.

Vuuuuummmmmmm... A ventania varria a sujeira. Erguia consigo a poeira, os ciscos, as folhas de plantas e alguns papéis pelos ares, levando ao léu. Eis que a nossa atenção se prende a um desses papéis. Caso pudéssemos dar um salto e pegá-lo no céu e lê-lo, veríamos que divergia dos demais. Não estava escrito em espanhol, muito menos em asteca ou maia. Estranhamente, o papel levava em si algum tipo de poesia escrita num idioma da qual temos maior intimidade. Apesar de alguns erros ortográficos, ainda poderíamos o reconhecer como o português...

encurraladu por gigantIS
vejo-mi ofeganTi
mOnsTrus (EM mim) sacOlejam
ânsias letraDas marEjam
DescréditO mi ameaça
tenta (im)pôr a morDaça
nãO ConsIgu DOmar
nem Possu desvencI(lhar)
traduz-Si por Amor
u vil estupor
desenfreadu seNtImentu
cânticu Di detentU
Nesse moINhu demonÍaCu
lamuriantI sUplicu
(des)p(u)dorAdu
des(cOntrol)adu
inA(CABA)du
iletR(adu)

Apesar de não mencionar o autor, trata-se de algo tão poema quanto relato, ou ainda um pedido de socorro. Certo é que cada qual terá a própria interpretação, ao mesmo tempo que se veria instigado em saber mais sobre quem teria escrito isso. Claro que eu, como mero narrador, incluo-me nessa curiosidade compulsiva. Sendo até quem levanta essa questão de querer saber mais sobre aquela composição. Quisera eu ter mais informações para já despejar aqui. Mas vamos dar tempo ao tempo, pois ao pensar sobre isso, de repente, vejo-me vasculhando outros tantos papéis pelos ares, enquanto o vento faz tremular furiosamente a bandeira mexicana com a águia e a serpente.

Vento malvado que separou pessoas de seus papéis, sendo ruído entre emissor, mensagem e receptor. Imagina quanta desinformação e falta de conhecimento não foi capaz de promover naquela tarde? Num dos papéis havia um recado, que podemos considerar como importante: *"Mi amor, llegaré tarde hoy. No me esperes para la cena. Besos"*. Era verdade esse bilhete assinado por um coração.

Só que nunca chegou ao seu destino. Alguém ficou sem saber e esperou em vão outro alguém chegar para jantar. Pode ser que houve uma briga que estremeceu a relação. É vento do mal, tu és o único culpado pelo mal que se sucedeu com esse casal, e, nem temos como saber o desenlace.

Antes que pudéssemos nos ater a esse fato, outro papel brilha pelos ares, roubando a nossa atenção. Brilha como uma estrela, contudo, na verdade só reflete a luz do sol. Não se trata de um papel comum, pois é uma foto, onde uma mulher está caracterizada como uma linda caveira mexicana. Apesar de parecer mórbido, era um lindo rosto, que mesmo maquiado, não deixava de expor a beleza original da modelo. Os traços bem delineados revelavam olhos e boca bem expressivos. No verso fosco do papel brilhoso, havia um pequeno texto em espanhol: *"Nunca olvides tus sueños. Sigue mis consejos y lucha por lograr todas tus metas. Se feliz haciendo lo que amas"*. Ao final, ainda havia uma assinatura numa espécie de autógrafo. Todavia, das ondinhas que formavam a rubrica, só se entendia a primeira e a última letra *"L...a".* Provável que fosse algum nome com esse índice. Quiçá o nome daquela mulher ali personificada num personagem tradicional do país. Não podemos negar que era uma linda mensagem, seguindo pelos ares e se perdendo de seu objetivo de acarinhar algum fã.

Tão diferente dessa mensagem, o vento fez questão de mostrar outro bilhete, que quase nos atinge como um tiro. O conteúdo tão pouco era agradável. Mais parecia uma ameaça. *"Quiero tu vida... Quiero tu alma... Quiero todo lo que tienes para mí. Por eso dedico mi existencia a tomar de ti todo lo que quiero. Tomaré todo lo que tienes hasta que no te quede nada y no seas nada. ¡Así será! ¡Espera y verás!"*... Não havia assinatura nesse prenúncio. Claro que tão pouco o autor teria coragem de se identificar. A letra era bem rabiscada como se fosse escrita com muito ódio. Eis que num estalo, pegamo-nos tentando unir os quatro textos. Será que pertenciam a mesma história de lutas, segredos, conspiração, atrasos, sonhos, amores e traições? Será que tem a ver com os personagens que conheceremos nos próximos capítulos?

CAPÍTULO I

CAVALEIRO ERRANTE

No meio da noite escura, estrelas pareciam desenhar códigos no céu. *Cri-cri-cri! Cri-cri-cri!* Grilos cantavam em arbustos enquanto um corpo fugia na penumbra do solo quase desértico ao som gritante de sirenes. *Woo-wooooooo! Nee-nahhh!* Sem saída, o farrapo rebelde segue lutando pela sobrevivência. *Pom... Pom... Pom...* Pareciam tiros, e, ele, o corpo, seguia tropeçando em significantes, e, tendo como consequência significados adversos. *Nee-nahhh! Woo-wooooooo!* Signos de um cenário que mais se identificaria com o relato de um diário de guerra. *Woo-wooooooo! Nee-nahhh! Woo-wooooooo!* Quase sem ar, esse ser esforça os membros já debilitados ao máximo para não perecer. Torna-se um forte sábio formado pela faculdade da vida. *Nee-nahhh! Woo--wooooooo! Nee-nahhh!* Pensou que seria mais fácil, mas sempre, desde a sua origem, o mundo lhe jogava a própria sorte.

Woo-wooooooo! Nee-nahhh! – A sirene sobrepunha qualquer outra trilha sonora. Como se fosse o único som a ser escutado naquele momento. Bem mais alto que o som da respiração ofegante, dos grilos, dos demais bichos da noite e até mesmo dos passos incertos cheios de tropeços. *Pom... Pom... Pom...* As sirenes só se calavam dando voz aos gritos de tiros. Feito um sinal de respeito hierárquico. *Tá... Tá... Tá...* Pareciam armas cada vez mais potentes se aproximando. Eis que, quando o corpo em sua tentativa de fuga parecia estar prestes a ser capturado, aquela consciência resistente acordou assustada.

De princípio, ainda forçava os olhos, vendo estrelas na escuridão. Aliás, meio que pateticamente, não entendia não estar mais prisioneiro dos abraços de Morfeu. A mente fazia crer o quanto tinha sido real, como se fosse uma lembrança, não só uma breve recapitulação, pois era completamente sentida. Ele sentia aquilo na pele. Em si, tinha ainda marcas reais daquele momento de fuga, em que ainda podia ouvir as sirenes tocan-

do loucamente, mesmo que já não manifestassem mais a própria existência. Assim lutava contra a própria cama, imaginando rolar por entre a terra dura.

– *Nãooo... Nãooooooooooo...* – Gritou, e, automaticamente, colocou as mãos na boca para não soar ruído algum. Não podia se condenar assim tão fácil. Muito menos ressoar algo que pudesse delatar a sua posição aos inimigos. Deveria continuar oculto no disfarce da quase inexistência de si mesmo. Fechou os olhos e cobriu a cabeça com o travesseiro ralo. Ainda não podia ser pego. Então pensava consigo mesmo: "Não vão mi pegá. Não podem mi pegá. Custi u que custá, tenho de sobrevivê a maisisso".

(Eis que puxo esse parêntese por considerar necessário uma reflexão importante, ou, simplesmente, por me ver preso na dúvida cruel de qualquer escritor-narrador. Pelo que reli do que escrevi até aqui, parece um jeito estranho de se começar uma história, não?

Só que, mesmo diante de tantas possibilidades de um bom começo, eu como narrador não personagem, não me vi em condições de começar de outra forma. Até então sabia tanto quanto você leitor: nada. Ainda mais algo tão irônico, e, aparentemente, sem sentido. Cobra-me o sentido, leitor? Isso quem deve dar é só você. Para tanto, alerto que leia sem delongas.

Não procure sentidos que não existam antes de assim o serem sentidos por ti, leitor. Digo que é tal qual a própria vida pode ser. E, muitas vezes, nossas vidas não são cheias de ironias por sua grande falta de sentidos? Só que não é hora de refletir sobre isso. Apesar de a cena pedir por nosso diálogo particular, não demoremos com esse incômodo. Não vou seguir me justificando, pois, cada peça ainda há de se encaixar nessa trama.

Depressa, vamos voltando ao ato em si, pois a narrativa nos aguarda. Além do mais, o tempo urge e a vida passa rápido para perder tempo com o que não convém. Não podemos nos ater em mais frases que não vão nos conduzir ao esperado enredo. Da mesma forma que saímos, entramos, pensamos, e, se preferir, desconsidere

esses últimos quatro parágrafos. Concentremos, então...)

A cena, que relatávamos, pode parecer meio que desconexa com tudo. Em sua verdade, coexistem dois campos. Um ficcionalmente mental e outro real (se assim fosse), ao que poderia ser apreciado por qualquer observador, que se encontrasse no local. Qualquer mosca zombeteira e faminta não veria nada mais que um banquete. Estava pronta para dar mordiscadas naquele homem de cheiro atraente aos insetos, com estatura moderada, e sem ter seus exatos trinta anos. Pouco importava que ele estivesse se escondendo de forças invisíveis aos seus entendimentos comuns. Apesar de magro, tinha em si uma resistência suficiente para opor-se ao que fosse. Mesmo assim, se ocultava como se tivesse um medo infantil. Só que não era medo da mosca.

Talvez esse medo fosse porque estivesse um pouco judiado pela vida. Bastava ver detalhes dos cabelos mal cortados, barba por fazer, pele completamente ressecada e uma carcaça cheia de cicatrizes, que acabava por envelhece-lo há alguns anos. Ainda sem vermos facilmente o seu rosto, pensaríamos que ali estivesse um homem beirando os seus quarenta e poucos anos. Mesmo assim, o medo lhe convertia em um menino assustado. Quiçá fosse a confusão de um ser adulto que nem teve uma boa infância, e, por isso, cresceu sem alguns aprendizados fundamentais, como a não temeridade dos próprios pensamentos.

Por um momento, com o meu pó narrativo, conseguimos uma bela transmutação do real para o imaginário. Só dessa forma, podemos ver além daquele corpo. Nesse campo, adentramos intimamente o interior daquele ser. Por si só, ele caiu num abismo de alucinações. Quiçá os férteis pensamentos puderam o converter para alguma obra em desenho animado de cordel. Por assim estar, ele pode ver-se, bem como nós outros agora podemos, num mundo além muito aquém daquele ao qual se encontrava. Eis que de repente, nem era assim tão mais tranquilo, viu-se envolto em perigo. Carcarás gigantescos estavam lhe perseguindo.

Ah Ah Ahh Ahhh... – Crocitou os carcarás maldosamente,

feito quem dizia que iriam pegá-lo, todos armados com os seus bicos volteados e garras afiadas. – *Ah Ah Ahh Ahhh...*

– Malditos carcarás. – Dizia nosso personagem para si mesmo, completamente, ofegante e cansaço daquela fuga. – Esses carcarás dos infernus mi perseguem, onde quer que eu vá.

Corria e corria... Mesmo assim continuavam em seu encalço. Dar ares de não ter como escapar daquela sensação inesperada. As aves traquinas farejam por seu cheiro em qualquer lugar que tente se esconder. Tão logo, os funestos carcarás, que tão duramente foram treinados pela seca, estavam prontos para ver comida onde quer que fosse. Nada mais saboroso para eles do que aquele corpo ambulante. Na fuga, o corpo suado só instiga bem mais ao desejo dos penosos. Seus traços, aos poucos, eram picados pelos malditos do sertão, que agora ainda mais sabiam do seu ser tão perdido no mundo.

"Ele puxa o umbigo inté mata... Carcará mais coragem do que o home". Sentenciou um grande músico, certa vez, numa bela canção cheia de ironia. Não mais que de repente, naquele estágio de febre mental, a melodia retinia pelo ar. Ali, no próprio sufoco, ele começou a escutar o cancioneiro numa espécie de fuga de si mesmo. A música que remete à lembrança da vida dura, em sua terra de origem, soava no seu ouvido, quase como o grito da ave. *"Carcaráááá..."*, disse o incômodo cantante, esganiçando o tom em certos instantes sem melodia. Meio desafinado ao que bem parecia ser de propósito, imitando o granir do pássaro. *"Cah cahh ráhhhhhhhh"*.

O corpo cansado, diante da sua situação de ser deflorado e desdesenhado, deixava-se levar. Perdia uma parte de si a cada traço embicado pelas malditas aves. Nem tinha o que fazer. Sentia dor em silêncio. Tão pouco tinha esperança de nada. Quando pensava que já tinham levado parte suficiente de seu ser, chegava outro esfomeado carcará para levar outro traço. Seu rascunho era desmontado de forma que nem parasse em pé, e, assim, ficava ainda mais fácil de ser consumido. "Pega, mata e come... Num vai morrer de fome". Narrava o cantador oculto em seus miolos. Foram longos minutos de repetição até que não sobrasse mais nada.